

DO TERRITÓRIO SANTO AO EXTRAMUROS: O NOVO ESPAÇO DESTINADO AOS MORTOS DA NATAL DO SÉCULO XIX

Daniel Roney da Silva
danielroney4@hotmail.com

Resumo:

Até aproximadamente 1856, o povo de Natal ao deixar este mundo “rumo ao paraíso eterno”, era sepultado dentro das igrejas católicas ou ao redor das mesmas, território este que era considerado santo. Acreditava-se que quanto mais próximo da igreja o morto fosse enterrado, mais perto de Deus sua alma estaria, e com isso, o descanso e a paz seriam garantidos. A classe social a qual o cidadão fazia parte iria determinar onde, exatamente, ele seria colocado depois de sua morte. A matriz de Nossa Senhora da Apresentação, principal igreja da província, guardava os restos mortais das famílias mais influentes e ricas da mesma. Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos os negros, pobres e condenados a força por ordem da lei, encontravam lugar para o sono eterno. Já a Igreja de Santo Antônio, ficou conhecida como a Igreja dos Militares, por ser nela que estes, quando mortos eram colocados. Contudo, em meados do século XIX as práticas de enterramento na cidade de Natal tiveram que ser mudadas em função das fortes epidemias que assolaram o Brasil neste século. As muitas mortes, em pequenos espaços de tempo, tornavam a presença da população nas igrejas cada vez menor, em razão do demasiado mau cheiro proveniente dos muitos corpos em decomposição. A única solução encontrada pelo presidente da província foi separar um espaço extramuros, onde as vítimas das pestes pudessem se decompor sem causar doenças aos que ficassem vivos para guardar o luto.

Palavras - chave: Epidemias, Morte, Cemitério do Alecrim.

Desde sempre o homem teve que lidar com a idéia de morte; Durante toda a História da humanidade este buscou dar beleza a tal instante de dor e sofrimento, de forma que alguns ritos fúnebres se tornaram apoteóticos espetáculos. Entre tantos, destacam-se os rituais de mumificação dos faraós

da antiguidade, bem como as cerimônias católicas que encomendavam os monarcas europeus a Deus com todo luxo e pompa que o nobre morto merecia.

As pessoas mais humildes, desprovidas de condições econômicas de montar um rito fúnebre luxuoso para os seus, faziam o possível para formar um clima de uma bela despedida. Uma flor, um crucifixo, uma roupa ofertada com carinho; qualquer esforço era pouco para se despedir do ente querido que faria a viagem eternal. Isso tudo ocorria, segundo Rodrigues por quê:

Como fenômeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho exige todo um esforço de desestruturação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminha na direção de seu lugar determinado, devidamente sob controle. Através de tais práticas, o grupo recebe mensagens que evoluem da insegurança ao sentimento de ordem e representam a maneira especial que cada humano tem de resolver um problema fundamental: é necessário que o morto parta. (RODRIGUES .1983, p.45)

Tal imaginário voltado à morte não ficou longe do estilo de vida da cidade de Natal, na Capitania do Rio Grande. Durante o período colonial, as construções das primeiras igrejas reforçaram a fé apostólica romana, imposta a este território pela colonização lusitana.

A primeira igreja católica erguida na cidade é hoje considerada como o marco do nascimento da mesma. A Matriz de Nossa Senhora da Apresentação foi inaugurada a 25 de dezembro de 1599, dia da fundação da cidade de Natal. Inicialmente era uma simples capelinha que no decorrer dos séculos foi passando por várias reformas e conseqüentes transformações. Desde o início de sua utilização no serviço do culto católico, este lugar santo foi separado

para o repouso eterno dos fiéis. Segundo Cascudo: *A matriz de Nossa Senhora d'Apresentação ergue-se sobre uma base de ossadas humanas, sepultadas durante séculos. (CASCUDO. 1999. pg. 263)*

Seguindo a ordem de construções de templos, temos após a Matriz, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída pelas sofridas mãos dos escravos negros que viviam em Natal, bem como nas cidades adjacentes. Não há registros que datem ao certo quando a igreja foi construída, contudo, é sabido que nas primeiras décadas do século XVIII ela já estava em funcionamento.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos era ponto de encontro de escravos, mendigos e outros desfavorecidos sociais. Sendo este espaço, santo e/ou marginalizado, também utilizado para sepultar condenados a morte por ordem da lei.

O terceiro lugar santo da Cidade de Natal, erguido em dias coloniais foi a Igreja de Santo Antônio, que ao que tudo indica teve sua construção terminada em agosto de 1766.

O povo potiguar tinha uma dessas três igrejas como destino após fecharem os olhos. O local exato onde iriam repousar dependia de sua posição social. Não se queria perder a “nobreza” nem no último instante. Ernest Becker explica que:

A idéia da morte, o temor a ela, persegue o animal humano como nenhuma outra coisa: ela é um dos maiores incentivos da atividade humana – atividade em grande parte destinada a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la negando de algum modo ser ela o destino final do homem. (BECKER 1976, p.9)

É possível encontrar em documentos da época, como por exemplo, atestados de óbitos, negros que não foram enterrados no espaço determinado a sua classe social. Estes negros quer fossem livres ou escravos, foram colocados na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação em função da influencia de seus senhores e padrinhos.

No período imperial as práticas de enterramento continuaram seguindo a mesma tradição de antes. Porém, em meados do século XIX uma nova crença religiosa começou a circular pela capital potiguar. Protestantes ingleses e suíços, representantes da indústria têxtil europeia, vinham a Natal a fim de negociar a exportação do algodão norte-rio-grandense para alimentar a produção de suas empresas em seus respectivos países.

Contudo, nem todos fizeram bons negócios com essas viagens. Muitos destes europeus durante o trajeto de navio contraíam doenças tropicais, como varíola e febre amarela; a grande maioria não resistia às doenças, chegando assim, a falecer na cidade do sol. Por isso foi separado nas proximidades da praia da Redinha um espaço para sepultar esses protestantes, uma vez que seria significativamente incoerente, tanto para fé católica, quanto para a memória deles, sepultá-los em alguma igreja da cidade. Sendo esse espaço entre a praia da Redinha e a Gamboa Manimbu, o primeiro cemitério para protestantes da cidade.

A esse território, destinado aos protestantes europeus dizimados pelas doenças tropicais, os natalenses chamavam de “Cemitério dos Ingleses”, devido à predominância britânica entre os estrangeiros. Atualmente não existe nem um túmulo ou obelisco no lugar que demarque a existência de um cemitério. Tudo foi destruído na década de 1930, quando uma lenda urbana envolveu a cidade de Natal levando parte da população ao lugar.

A lenda dizia que o local em que havia sido erguido o Cemitério dos Ingleses, escondia baús cheios de ouro, que no século XVII os holandeses lá deixaram com o intuito de resguardar o tesouro. Contudo, após cavar todo espaço referente ao cemitério, espalhar os ossos enterrados e derrubar os túmulos erguidos, os que procuravam o tesouro se convenceram de que não havia nada de valor por lá. Em função deste fato, não existe mais nem uma evidência clara do que o cemitério foi um dia.

Além dos europeus a população natalense também se tornou vítima de epidemias que se alastraram pelo território do império brasileiro durante o século XIX, século este que ficou conhecido como o século das pestes.

Em função das demasiadas mortes em pequenos espaços de tempo, as igrejas de Natal ficaram impróprias a congregação dos fiéis. Visto que o forte mau cheiro dos corpos em decomposição atrapalhava o serviço da missa como também, transmitia epidemias a outros.

Movido pelos ideais sanitaristas que reformavam Paris e pelos jovens médicos brasileiros que nessa época voltavam da Europa com a mente mais aberta no tocante à higiene, o presidente Antônio Bernardo de Passos, administrador da província do Rio Grande, nomeou uma comissão em 24 de novembro de 1856 para idealizar um espaço extramuros onde se poderiam sepultar as vítimas das pestes. Foi dessa iniciativa do presidente Passos que nasceu o cemitério público do Alecrim; primeiro cemitério laico e oficial da capital norte-rio-grandense.

O presidente Antônio Passos confiou ao mestre de obras Manoel da Costa Reis, a construção do muro que cercaria o terreno do futuro cemitério, bem como a capelinha que ficaria dentro do mesmo.

Para comissão que organizava a construção do cemitério público de Natal, o melhor espaço para a criação do mesmo era o bairro de Alecrim; área tida na época como rural e que estava distante do centro da cidade. Em função desta distância o Presidente Passos mandou vir de Recife um carro de transporte para conduzir os corpos ao seu novo lar.

Inicialmente esse espaço foi questionado pela população, visto que esta não julgava o território extramuros idoneamente santificado para receber os corpos de seus parentes. Apesar do impasse, iniciou-se em Natal ainda que de forma paulatina, a prática de enterramentos em um território que não fosse o das igrejas.

Com o decorrer do tempo a população potiguar já não encarava o cemitério do Alecrim com desprezo. No início do século XX, o sítio de seu Candinho, como ficou conhecido o cemitério na época devido seu bem quisto administrador, Cândido José de Melo, esbanjava beleza e certo luxo devido à belíssima arte sepulcral existente em alguns jazigos e túmulos.

A distinção das classes sociais presentes nos enterramentos, outrora feitos nas igrejas, continuava no extramuros significativamente forte. Agora a distinção social frente à morte não ocorria devido à igreja em que o sujeito seria enterrado, mas se percebia no novo cemitério público pelos elegantes túmulos com mármore estrangeiros erguidos na entrada, enquanto simples covas eram encontradas na parte de trás do terreno.

Atualmente, com mais de 150 anos de existência, o referido cemitério guarda dentro de seus muros os restos mortais de homens e mulheres que escreveram seus nomes na história do Rio Grande do Norte, bem como na do Brasil. Lá repousa personalidades como Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, primeiro governador do Estado do RN após a Proclamação da República; como também o Presidente da República Café Filho, e entre outros o intelectual e folclorista Luiz da Câmara Cascudo.

Existem túmulos bem conservados como é o caso do mausoléu da família Cicco, com sua estrutura de mármore e estátuas italianas, reformado em homenagem a jovem Ivety Cicco, que faleceu as vésperas de seu casamento devido uma pneumonia. Após a morte da filha Januário Cicco dá nova forma ao mausoléu da família, onde sua filha donzela estava guardada. É possível perceber, também, túmulos simples, alguns até mesmo depedrados pela ação do tempo, de famílias que em sua grande maioria eram pobres, mas que certamente tiveram sua participação na história do país enquanto cidadãos. Sobre essa questão de túmulo familiar, Gilberto Freyre citou:

O túmulo patriarcal, o jazigo chamado perpétuo, ou de família, o que mais exprime é o esforço, às vezes pungente, de vencer o indivíduo a própria dissolução integrando-se na família, que se presume eterna através de filhos, netos, descendentes, pessoas do mesmo nome. E sob este ponto de vista, o túmulo patriarcal é, de todas as formas de ocupação humana de espaço, o que representa maior esforço no sentido de permanência ou sobrevivência da família. (FREYRE. 1985, p. LX)

Outro ponto muito forte no Cemitério do Alecrim, sem sobra de dúvidas é mistura de crenças religiosas que compõem o espaço. É perceptível a existência de outro cemitério dentro do próprio cemitério. Trata-se do espaço que foi destinado a comunidade judaica de Natal. Um território cercado por um murinho de cerca de 40 centímetros que separa o espaço onde dormem os filhos de Abraão dos demais moradores da cidade dos mortos.

Exatamente ao meio do Cemitério do Alecrim foi erguido um mausoléu em forma de pirâmide onde são colocados os membros da comunidade maçônica potiguar. O mausoléu todo em mármore cinza possui uma esfera de metal em sua ponta, que ao receber os raios solares incide uma luz policromática.

O cemitério do Alecrim não pode ser encarado apenas como um lugar de se colocar gente morta; e infelizmente é essa a óptica de muitos. Tal espaço foi transformado pelo tempo em um museu a céu aberto. Um verdadeiro jardim de memórias onde o passado e o presente se cruzam entre as ruas e os túmulos; um espaço onde o vivo contempla o morto, e o morto se torna um agente motivador do imaginário do vivo.

Referências:

BECKER, Ernest. *A negação da morte.* Tradução de Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal.* Natal: RN Econômico, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu da morte.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.